



GÊNERO E SEXUALIDADE¹

Maria Regina Costa

RESUMO

Este texto trata da análise desenvolvida no projeto de iniciação à docência PIBID/CAPES/UFPR, em uma escola pública na cidade de Curitiba-PR, referente à temática das relações de gênero e sexualidade nas aulas de Educação Física. As ações foram realizadas no ano de 2011 e 2012 com alunos/as do ensino médio visando os conteúdos, metodologia e linguagem com questionamento dos estereótipos para possibilitar as meninas e aos meninos outras formas de aprendizado e reflexão da educação do corpo e no corpo. Houve receptividade e envolvimento de alunos/as e ao mesmo tempo resistência evidenciando que comentários preconceituosos persistem e resistem.

PALAVRAS-CHAVES: relações gênero; sexualidade; prática docente.

INTRODUÇÃO

Análise da experiência docente referente ao Projeto de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES/UFPR-2011) em uma escola pública com a temática das relações de gênero e sexualidade no ano de 2011 e 2012. O tempo e o espaço de análise desta experiência foram locados em aulas de Educação Física, bem como o próprio ambiente escolar, que contribui para a formação de corpos femininos e masculinos.

Partimos do questionamento dos estereótipos sexuais e de gênero que limitam os corpos e seus movimentos em função do discurso biologicista impossibilitando meninas e meninos aprenderem as diferentes práticas corporais. Refletimos sobre a educação do e no corpo através do conhecimento de si e do reconhecimento das diferenças como construções socioculturais.

No tocante a tais temáticas, observamos que os agentes escolares não explicam a violência e preconceitos (re) produzidos no contexto escolar aos alunos e alunas, não problematizam as hierarquias e desigualdades de gênero e sexualidade. Isto é, não discutem porque as mulheres são “naturalmente” excluídas, diminuídas, desestimuladas, etc. Como tampouco instiga a reflexão dos por quês os meninos devem ser fortes, violentos, por que os homens não choram ou por que estimulam meninas e meninos de modo desigual, etc.

Podemos dizer que a escola desde sempre abordou uma pedagogia de gênero que consolidou as desigualdades entre meninos e meninas e disseminou uma cultura heterossexual

¹ Trabalho financiado pela CAPES/PIBID

para neutralizar as diferentes experiências relacionadas ao desejo e a sexualidade, contribuindo e ampliando o preconceito.

MODELO MASCULINO E HETEROSSEXUAL

Nesta experiência discutimos as relações de gênero e sexualidade afirmando que na educação deve haver uma luta em favor das meninas, adolescentes e mulheres. Ainda que se constate a inserção das meninas e mulheres nas escolas, nas universidades e no mundo do trabalho, esta ainda é insuficiente. Apesar da emancipação feminina, meninas, mulheres, meninos e homens continuam sendo educadas/os sob os valores de um modelo androcêntrico. Não intervir na educação de meninos e meninas equivale a apoiar o modelo existente na produção e reprodução de estereótipos e violência. De acordo com Moreno (1999, p. 66) “A escola pode contribuir analisando com alunas e alunos os papéis que a sociedade atribui a cada sexo (...) mas, sobretudo, a limitação que supõe para cada pessoa se submeter aos estereótipos sociais marcados pelo gênero”.

Se as ações na escola, consciente ou inconsciente, são sexistas, dificilmente minimizará o sexismo, homofobia, lesbofobia ou transfobia. A escola é o espaço de socialização da diversidade e questionamento da aprendizagem das diversas formas de ser feminino ou masculino. As possibilidades de expressar a sexualidade, os desejos e os prazeres são socialmente estabelecidos e codificados.

Há uma esperança no imaginário social que o corpo concretize uma identidade, sem ambiguidades e inconstâncias, isto é, que o corpo mostre as "marcas" biológicas como identidade fixa e normal. Contudo, o processo é complexo e essa dedução pode ser equivocada porque os corpos são significados pela cultura e, continuamente, alterados. Conforme Sau (1993, p.19) “(...) tudo é natural inclusive a ‘cultura’, mas num sentido amplo tudo é cultural, inclusive a ‘natureza’(...)”.

Aqueles e aquelas que representam a normalidade (gênero, sexualidade, raça, classe, religião, etc) têm possibilidade não apenas de representar a si mesmos, mas também de representar os outros. Eles falam por si, pelos "outros" e sobre os “outros”, e apresentam como padrão a sua própria estética.

A diferença não pré-existe nos corpos dos indivíduos para ser simplesmente reconhecida; em vez disso, ela é atribuída a um sujeito quando relacionamos esse sujeito (ou esse corpo ou essa prática) a um outro que é tomado como referência. (...) A posição “normal” é, de algum modo, onipresente, sempre presumida, e isso a torna, paradoxalmente, invisível. Não é preciso mencioná-la. Marcadas serão as identidades que dela diferirem. (LOURO, 2008, p.22)

No contexto de uma cultura intelectual, que trata o corpo como fenômeno biológico, é possível compreender a omissão do corpo no espaço escolar. Entretanto, sabemos que toda educação é educação do corpo. Os agentes escolares falham em admitir o papel fundamental do corpo-sujeito na construção de sentidos e significados, na construção das identidades dos sujeitos, sujeitando homens e mulheres as idéias naturalizadas de ser e se comportar.

O corpo é alvo de discussão e investimento científico, lugar de intervenção e controle. O lugar que o feminino ocupa na sociedade pode ser vislumbrado nos estudos do corpo da mulher, pois o corpo feminino acaba sendo muitas vezes relacionado à persistente mentalidade, dos interditos, ideia de pecado, etc.

A mulher continua presa ao modelo tradicional da cultura machista e da dominação masculina, submissa às múltiplas gestações, na busca da tríade perfeição física: beleza, saúde e juventude. Todo o trabalho de socialização do corpo feminino tende impor limites à mulher.

As aparências biológicas e os efeitos bem reais produzidos, nos corpos e nos cérebros, por um longo trabalho coletivo de socialização do biológico e de biologização do social naturalizada (...) como o fundamento natural da divisão arbitrária que está no princípio tanto da realidade como da representação da realidade e que por vezes se impõe à própria investigação (BOURDIEU, 1989, p.3)

A dominação masculina efetiva-se através de um sistema *gendrado* que segundo Bourdieu (1989) ambos os sexos passam em diferentes culturas e sociedades por processos de simbolização cultural que os definem enquanto homens e mulheres, fortes e fracas. Deste modo, cabe lembrar que a língua é um dos primeiros sistemas simbólicos que atua na formação do ser humano. Ela e os demais sistemas simbólicos sociais funcionam moldando cada pessoa de forma invisível e sutil, tornando-a cúmplice, mas também divulgador do seu poder. Como a ordem do sentido é androcêntrica, os símbolos acabam por reforçar a dominação masculina que os sustenta. De acordo com Bourdieu (1989, p.14-15) o poder simbólico “não reside nos sistemas simbólicos..., mas que se define numa relação determinada [...] entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos”. Isto quer dizer, que é dentro do seu próprio campo de ação que o poder é reproduzido.

Na escola, meninas e meninos são educadas/os em um espaço marcado pelo modelo masculino de relações. Não há reconhecimento da diferença feminina como valor positivo, mas submissão das meninas aos valores, conteúdos, ocupação de espaço, exposição corporal, etc. masculino reforçada na ação docente. Mesmo com as mudanças sociais, o caminho para eliminar a discriminação contra a mulher é longo e deve ser percorrido por homens e mulheres. Cabe lembrar que os meninos também são pressionados a cumprir os requisitos do

modelo à custa da supressão dos sentimentos e quem não corresponde ao modelo de masculinidade hegemônica é marginalizado na escola e, principalmente nas aulas de Educação Física. Se os alunos se deslocam para além da fronteira meninos e meninas, são marginalizados, por exemplo: no conteúdo futebol se o menino não participa, é discriminado e chamado de “gay, bicha” porque faz parte do rito da masculinidade. Por outro lado, se as meninas forem bem sucedidas no futebol ultrapassam a fronteira da feminilidade e são consideradas “sapatão”.

Problematizar desse tipo de comportamento é fundamental para possibilitar a compreensão das múltiplas formas de relação dos gêneros e entre os gêneros e deste modo desfazer a ideia preconceituosa que a mulher deve ser protegida reservada à intimidade e passividade.

A família e a escola têm papel fundamental na luta contra o preconceito e a reprodução das desigualdades na sociedade. Se as relações *dos* sexos e *entre* os sexos é construída por relações sociais, pela família, escola, mídia. Enfim pelos processos de socialização podemos pressupor que estas relações podem ser reconstruídas, desconstruídas e questionadas. Neste sentido, importa investigar a participação das mulheres e homens nos esportes, saber quais os motivos das interdições e como a ciência contribuiu para disseminar o pensamento popular que subjulga as capacidades femininas.

Cabe lembrar que na construção das identidades dos meninos e das meninas articulam-se discursos veiculados e sustentados por diferentes artefatos culturais. Entre eles a mídia vem ocupando lugar preponderante. A televisão, as revistas, os programas de rádio, etc. são lugares de aprendizado a respeito de nós mesmos, de nossas vidas, aprendizado de nossa leitura e recepção das informações. O cinema, a música, referem-se às pessoas classificadas para nós como heróis ou vilões, cidadãos corretos ou transgressores da ordem; tratam do modo de ser homem e ser mulher de acordo com a ótica heteronormativa. Com isto afirmamos que a mídia é responsável por um volume considerável de trocas simbólicas e materiais que remete à escola a reflexão sobre a educação e a cultura.

Neste sentido, não podemos escapar de discutir os programas que os/as jovens assistem, pois a música de preferência, as coreografias da moda, etc. que são fenômenos que podem ser articulados ao trabalho desenvolvido nas aulas.

Tais discursos veiculados na mídia acionam poderosos efeitos de verdade que podem contribuir significativamente para a construção das identidades dos sujeitos que devem ser mediados na busca da compreensão da diferença e diversidade, isto é, da multiplicidade dos

modos de ser.

Perguntamos como a escola dialoga com os alunos e as alunas sobre a produção e reprodução das relações de gênero e sexualidade porque estes imprimem um modo de pensar sobre a construção cultural do menino e da menina, o que um sexo e o outro podem ou não podem fazer. Como professores e professoras (re) produzem no espaço escolar os modos de ser menino ou menina, isto é, o que propagam sobre as relações de gênero e sexualidade?

AÇÕES DO PIBID

A partir da inserção do PIBID na escola, nomeadamente nas aulas de Educação Física e a obrigatoriedade dos/as alunos/as do 1º ano do ensino médio em desenvolver um projeto de iniciação científica, aventamos a possibilidade de trabalhar a temática do projeto, de tal modo que estes/as acataram a sugestão. As ações foram realizadas de modo inter-relacionado entre aulas teóricas e discussões nas aulas de Educação Física em diversas situações de ensino.

Problematizamos com alunos e alunas durante as aulas de Educação Física a temática através de discussões, com aulas teóricas, exibição e discussão de documentários e desenvolvimento do projeto de iniciação científica (PIC): *como a sexualidade e o gênero surgem em nossas vidas?*

Gênero e diversidade sexual na escola envolveu o estudo dos preconceitos de gênero e violência contra a mulher. Inicialmente, elaboramos uma atividade em sala de aula que os/as alunos/as citaram objetos ou atitudes consideradas femininas ou masculinas, iniciando o diálogo sobre os porquês e existe de fato esse tipo de classificação.

Realizamos uma aula teórica sobre metodologia da pesquisa e no decorrer do ano auxiliamos na estruturação e operacionalização do projeto. Os alunos/as fizeram leitura em grupo de redações vencedoras do prêmio Construindo a Igualdade de Gênero, promovido pelo CNPq para que pudessem produzir o próprio texto. Oportunizamos espaço para discussão e relato de experiência pessoal sobre o tema. Houve apreciação de um episódio da comédia musical norte americana *Glee* e redação de textos sobre a percepção dos/as alunos/as sobre o gênero oposto.

Este projeto foi apresentado a uma banca de professoras da escola onde foi possível observar participação ativa da turma. Durante a apresentação um aluno relatou a história de vida da mãe. Para finalizar, o aluno envolvido pessoalmente na temática do projeto perguntou: “por que o homem acha que é superior à mulher, que pode bater nela?” a seguir afirmou: “a mulher não é objeto de prazer... ela já nasce guerreira... carrega um filho durante nove meses, suporta a dor do parto... imagina a dor que não sente uma mãe ao saber que seu

filho se envolveu com drogas?” Quando o tema faz sentido na vida das pessoas, é possível lidar com as resistências que o tema envolve.

Para divulgar o PIC na escola os/as alunos/s elaboraram um blog na internet sobre o tema com postagem de reportagens e as redações com exposição de comentários. Dois alunos participantes do PIC apresentaram a experiência na Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão em outubro de 2012 na UFPR.

Com o desenvolvimento desta experiência na escola verificamos a possibilidade de problematizar as relações de gênero e sexualidade com alunos e alunas do ensino médio. Instigamos a reflexão sobre o ser homem e mulher nesta sociedade, os estereótipos de gênero, a mulher no mundo do trabalho, as relações entre homens e mulheres, etc. O projeto ganhou visibilidade, embora persista e resista o preconceito quanto à sexualidade e as formas de manifestar a sexualidade. O que legamos à escola foi à inserção da discussão no âmbito escolar.

A curiosidade do tema fez com alunos/as se envolvessem no estudo, discussões estas reforçadas nas aulas de Educação Física referente ao conteúdo, linguagem, metodologia, etc. Constatamos que nos jogos quando o envolvimento foi intenso surgiram os ‘palavrões’. Diante disto perguntamos quais os preconceitos que se escondem por trás dos palavrões? *viadinho, bixona, sapatão, machorra, filho/a da puta, puta que o pariu, vadia, cadela, vaca, vagabunda, biscate...*

Quais representações são mobilizadas quando utilizamos termos como “viado”, “bicha”, “sapatão”? Relacionar linguagem com agressão faz com nos concentremos nas partes que são pronunciadas, que podem ser pronunciadas. Isto é, o que pode e por quem pode ser dito:

para se “enquadrarem” na masculinidade hegemônica, além de precisarem exaltar o tempo todo características como coragem, agilidade e força, precisam demonstrar explicitamente certa aversão a tudo aquilo que se aproxima da feminilidade e da homossexualidade. Dessa forma, é possível observar o quanto a constituição da identidade de gênero masculina está pautada por um comportamento homofóbico (horror a homossexuais) e misógino (aversão a tudo aquilo que pareça pertencer ao mundo feminino). (Bianca Salazar Guizzo, 2007, p.41)

Na escola na qual observamos as ações de meninos, de meninas, de professores e professoras emergiu a vontade de saber de algumas meninas sobre a sexualidade, nomeadamente, as relações *dos* sexos e *entre* os sexos, expressos na fala: “professora, menina pode beijar menina” ou no modo tímido de perguntar, rir e sair correndo, demonstrando vergonha pela pergunta. Isto representa que novas identidades são visíveis, ao mesmo tempo

em que são compostas e definidas nas relações sociais, pois de acordo com Michel Foucault (1988) são moldadas pelas relações de poder de uma sociedade. Deste modo, a sexualidade é um dispositivo histórico, é uma invenção social e há discursos que a normatizam e produzem verdades.

O dispositivo da sexualidade sugere a direção e abrangência do nosso olhar, pois engloba instituições, discursos, organizações, leis, enunciados científicos, proposições morais, filosóficas, etc.

Quando a sexualidade remete as práticas da homoafetividade ou homossexualidade há o silêncio, o dissimulo e a segregação. Estes modos de agir produzem a heteronormatividade que é acompanhada da rejeição a sua diferença que é a homossexualidade e, muitas vezes, expressas em práticas homofóbicas.

Percebe-se dentro da escola a existência da diversidade e quando há um tratamento uniforme, o aluno esconde as diferenças, tanto em relação à etnia, à religião, origem regional, orientação sexual, dentre outras.

Para muitos professores/as os/as alunos/s são, geralmente, caracterizados pelo negativo. Alguns destes professores ou professoras trazem consigo uma definição como os jovens deveriam ser e agir.

Não poder expressar-se, ser rotulado, ser alvo de *bullying* homofóbico - com piadinhas de mau gosto – pelos colegas e/ou professores/as, chama à atenção para o trabalho que a escola está fazendo quanto à conformação da sexualidade, e por consequência da homossexualidade em seu meio. Na escola, a homofobia é expressa por meio de agressões verbais e/ou físicas, isolamento e exclusão, podendo resultar na evasão escolar e no sofrimento do aluno ou da aluna.

As professoras relataram incômodo na convivência das relações homoafetivas e/ou homossexuais entre alunas e entre alunos, falam das relações entre as meninas como do desvio de personalidade “*daquelas machorras*”, um problema que deve ser erradicado no disciplinamento das relações no interior da escola.

O mundo social se organiza segundo a lógica da diferença. Contudo, quando a escola trata a homossexualidade dentro dos parâmetros da normalidade e anormalidade, de forma desigual, reproduz a desigualdade entre alunos e alunas. A partir do momento que a escola nega a discussão, esta deixa de ser o espaço de formação da diversidade.

Cabe lembrar que há intenso trabalho para a dessexualização dos corpos de alunas e alunos no espaço escolar. Contudo, quando os/as professores/as detectam problemas de

aprendizagem nas avaliações dos/as alunos/as justificam o baixo rendimento no: “afloramento sexual”, “assanhamento das meninas”, “elas só pensam em namorar”, “se arrumar”, etc.

Desde crianças já se auto-regulam e se auto-vigiam, achando-se feias e com vergonha de seus corpos. Elas parecem entender que beleza e corpo são fundamentais na sociedade. As meninas não apenas procuram esconder aquilo que pensam que sejam seus defeitos, como também investem em práticas para se tornarem mais bonitas. Utilizando-se de várias técnicas para melhorar o visual passam batom, rimel, sombra; outras vezes modificam ou enfeitam os uniformes, penteiam os cabelos, usam acessórios, etc. O corpo como *lócus* de inscrição dos significados da cultura, por exemplo, o valor atribuído aos cabelos é uma das preocupações e investimentos de mulheres e meninas.

Há constantes mecanismos de vigilância da sexualidade, mas essa não sufoca a curiosidade e o interesse, conseguindo, apenas, limitar a manifestação desembaraçada e sua expressão franca. As perguntas, as fantasias, as dúvidas e a experimentação do prazer são remetidas ao segredo e ao privado. Através de múltiplas estratégias de disciplinamento, aprendemos a vergonha e a culpa; experimentamos a censura e o controle. Acreditando, deste modo que, a sexualidade faz parte do mundo privado e assim ignoramos a dimensão social e política.

GENDER AND SEXUALITY

ABSTRACT

This text deals with the analysis developed in the project from initiation to teaching PIBID/CAPES/UFPR, in a public school in Curitiba-PR, on the theme of the relations of gender and sexuality in Physical Education classes. The actions were carried out in 2011 and 2012 with students/the middle school to the content, methodology and language with questioning of stereotypes to enable girls and the boys other forms of learning and reflection of education of the body and the body. There was no receptivity and involvement of students/the and at the same time resistance evidencing that biased comments persist and resist.

KEYWORDS: Gender relations; sexuality; teaching practice

GENERO Y SEXUALIDAD

RESUMEN

Este texto trata del análisis desarrollado en el proyecto de iniciación a la docencia PIBID/CAPES/UFPR/2011, en una escuela pública en la ciudad de Curitiba PR, sobre el tema de las relaciones de género y la sexualidad en las clases de Educación Física. Las acciones se llevaron a cabo en el año 2011 y 2012 con los estudiantes de secundaria haciendo hincapié en los contenidos, metodología y el lenguaje con interrogantes acerca de los estereotipos de género y sexualidad para posibilitar a las niñas y niños otras formas de aprendizaje y reflexión de la educación del cuerpo y en el cuerpo. Hubo receptividad y participación del alumnado y al mismo tiempo resistencia evidenciando que persisten los

prejuicios.

PALABRAS CLAVE: relaciones de género; sexualidad; prática docente

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro-Posições*, v. 19, n.2 (56), maio/ago 2008.

SALLES, L. M. F.; SILVA, J. M.P. Diferenças, preconceitos e violência no âmbito escolar: algumas reflexões. *Cadernos de Educação*, Pelotas, v.30, p.149-166, janeiro/junho 2008.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. 7ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

MORENO, M. *Como se ensina a ser niña: el sexismo en la escuela*. Barcelona: Icaria Editorial, 1999.

SAU, V. *Ser mujer: el fin de una imagen tradicional*. Barcelona: Icaria Editorial, 1993